CADERNO DO PROFESSOR

Escolas das Águas: valorizando o saber local

CADERNO DO PROFESSOR

Escolas das Águas: valorizando o saber local

Execução

Apoio

Parceiro

Prefeitura Municipal de Corumbá
Secretaria Municipal de Educação

Campo Grande - MS
2017

Caderno do professor: Escolas das Águas valorizando o saber local

Coordenação de produção e Edição

Patrícia Zerlotti

Revisão ortográfica

Elidiana Marques Scariot

Projeto gráfico

Luis Augusto Akasaki

Ilustrações

Os desenhos pertencem ao acervo da Ecoa e foram produzidos pelos alunos das Escolas das Águas no ano de 2009.

Impressão e acabamento

Gráfica Mundial

Agradecimentos especiais:

À direção das Escolas das Águas e toda sua equipe, que auxiliou e colaborou para que o projeto fosse executado da melhor maneira possível;

Às professoras e professores que participaram da formação acreditando na proposta e executaram o projeto, em sala de aula, envolvendo todos os alunos;

Aos voluntários e colaboradores que acreditam e fazem a diferença para termos uma educação de qualidade, respeitando às diferenças culturais.

Escolas das Águas

APRESENTAÇÃO

O Projeto **Escolas das Águas – Educomunicação e diálogo intercultural uma maneira de aprender e ensinar** foi desenvolvido com o intuito de promover uma formação continuada aos professores das Escolas das Águas, localizada na área rural de Corumbá, MS.

Por tratar-se de escolas localizadas na região do Pantanal, uma região peculiar não só por suas belezas naturais, mas também pelos saberes locais que a população possui, é prioritário que os professores tenham formações que abordem o intercâmbio cultural entre professor e aluno.

Ao trabalhar com os professores sobre as dificuldades que encontram, devido às diferenças culturais, é possível confortá-los e despertá-los para a riqueza que existe no saber local das comunidades em que as escolas estão inseridas. Por outro lado, os alunos se sentem valorizados e motivados a participarem das atividades propostas.

Assim, foi proposto um desafio a todos os professores para que eles inserissem em seus planejamentos um projeto com o objetivo de trabalhar um saber local da comunidade, atender o currículo escolar e envolver os alunos e seus familiares.

Desafio aceito, deu-se início à formação. Assim, os professores tiveram acesso aos conceitos de interculturalidade e saber local e também puderam conhecer sobre as metodologias de educação ambiental e educomunicação.

Ademais das atividades que os professores tiveram que desenvolver, foi solicitado o registro de todas as etapas que estavam sendo realizadas. Esse talvez tenha sido o maior desafio para eles, uma vez que desenvolvem constantemente atividades nas escolas, mas sempre com lacunas em seus registros.

O registro foi colocado como uma exigência, porque, com as informações coletadas, seria produzido um caderno com os dados das escolas e do saber local de cada comunidade. A intenção é que essa publicação seja uma ferramenta de apoio para o professor, pois irá aproximá-lo da realidade cultural da escola como, também, da comunidade.

Os resultados alcançados com o comprometimento dos professores foram surpreendentes e enriquecedor para todos que participaram. Por meio das atividades (entrevistas, redação, leitura e desenhos), os professores deram mais vozes aos alunos e aos moradores das comunidades fazendo emergir suas linguagens, seus valores, seus símbolos, enfim, os saberes historicamente silenciados e inferiorizados. Ainda, pode-se destacar o encantamento dos professores ao conhecer os diferentes saberes locais pelas vozes dos anciãos.

Assim, os registros dos professores foram organizados e deram origem a esse caderno, intitulado **Caderno do professor: Escolas das Águas valorizando o saber local**. Aqui, pode-se encontrar informações sobre a história das escolas, uma breve descrição da comunidade, o perfil das crianças e os saberes locais levantados pelos professores durante a execução do projeto.

Dessa maneira, entende-se o termo “saber local” como um conhecimento de origem local, produzido por seus habitantes num determinado espaço geográfico, a partir de suas experiências cotidianas com o meio ambiente, das suas relações sociais e da sua religiosidade. São conhecimentos transmitidos oralmente, por meio da imitação e da demonstração, que sofrem modificações e renovações durante esse processo, tornando esses saberes únicos.

Boa Leitura!

SUMÁRIO

Escolas das Águas 08

Boa Esperança 13

Duque de Caxias 17

Nazaré 21

Santa Mônica 25

Paraguai Mirim 31

São Lourenço 39

Porto Esperança 45

Santa Aurélia e Extensão São João 51

Sebastião Rolon 57

Cinco Escolas das Águas têm o barco-escola como meio de transporte. Foto: André L. Siqueira

ESCOLAS DAS ÁGUAS

A Rede Municipal de Ensino de Corumbá, MS, atende à população das regiões de Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia e Albuquerque com 10 escolas polos e 16 extensões, totalizando cerca de 2.400 alunos[1] , com idade entre 5 e 23 anos. As extensões mais próximas de Corumbá – como as dos assentamentos e das comunidades da Estrada Parque Pantanal – são as Escolas da Terra e seguem o mesmo calendário escolar das zonas urbanas. Já as extensões localizadas nas áreas mais isoladas do Pantanal, são as chamadas Escolas das Águas, têm um calendário escolar diferenciado, adaptado ao ciclo das cheias.

Essa organização das escolas é recente. Para chegar neste formato, foram realizadas e ainda são feitas alterações no Plano Político Pedagógico (PPP) com objetivo de melhor atender aos alunos e profissionais que atuam nas extensões. Segundo os registros históricos, uma das escolas mais antigas da região é a extensão Sebastião Rolon, que iniciou suas atividades em 1948, às margens do rio Taquari. Neste período, os produtores rurais tomaram a iniciativa de criar a escola para atender aos filhos de seus funcionários. Somente em 1975, a gestão da escola passou a ser de responsabilidade da prefeitura de Corumbá.

[1] Os números de alunos, professores e extensões escolares apresentados no texto são referentes ao ano letivo de 2016.

Hoje a Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões (E.M.R.P Porto Esperança), criada no ano de 2005, é conhecida por todos como Escola das Águas. Em 2014, houve uma divisão estrutural e algumas extensões tornaram-se escolas polos, com objetivo de atender melhor as diferentes realidades das comunidades. A nova estrutura ficou constituída de 5 escolas polos e 6 extensões, distribuídas nas sub-regiões do Pantanal do Paraguai e do Paiaguás (veja o mapa).

Apesar da alteração, os documentos dessas escolas ainda estão em elaboração, então, oficialmente, todas as extensões seguem ainda a estrutura administrativa e pedagógica da Escola Polo Porto Esperança. Há um colegiado escolar, direção, coordenação pedagógica, secretaria, corpo docente, corpo discente, conselho de professores, conselho de classe, associação de pais e mestres e serviços

auxiliares. O número de professores nas extensões escolares varia de dois a quatro e está relacionado à quantidade de alunos.

Já nas Extensões Jatobazinho e Santa Mônica, a gestão difere das demais, por ser público-privada. A parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e os proprietários rurais resultou em uma escola com melhor infraestrutura, maior número de funcionários e a presença de uma coordenadora

pedagógica em tempo integral. As demais extensões contam com uma estrutura básica: duas salas de aula, dormitório para os professores, cozinha e banheiro. Algumas ainda têm dormitório para os estudantes, mobiliado com beliches e redes.

A energia é fornecida por um grupo-gerador a diesel. A comunicação entre a direção da escola, sediada em Corumbá, e as extensões é feita por meio de telefone celular rural, da fazenda ou de vizinhos, telefone público ou internet via satélite. Apenas quatro extensões possuem acesso à internet.

Nas Escolas das Águas, as salas de aula são multisseriadas, sendo divididas, na maioria das vezes, em duas turmas: uma do 1° ao 5° ano e, outra, do 6° ao 9°. As escolas mudam a disponibilidade das séries ano a ano, conforme a demanda. Desde 2015 está sendo oferecido Ed. Infantil na Extensão Paraguai-Mirim.

De acordo com a direção escolar, as escolas têm em seu quadro de funcionários um total de 35 professores. Eles adotam um regime de trabalho diferenciado dos demais profissionais da zona urbana, porque precisam morar nas extensões escolares durante o período das aulas. Retornam para suas casas, em Corumbá, ao final de cada bimestre e permanecem na cidade por 7 ou 15 dias. E mesmo nesse período, têm compromissos escolares, como entrega de notas e relatórios, elaboração de planejamento do próximo bimestre, cursos, entre outros.

O perfil desse profissional - conforme orienta o PPP da escola deve ser o de um "educador que compreenda a diversidade cultural das regiões de atuação, sem interferir moralmente nas ações da comunidade. Também deve ter disponibilidade para morar na extensão e cumprir as normas de rotina da unidade, além de garantir a imagem positiva da extensão onde estiver lotado".

Segundo a direção escolar, é realizado um processo diferenciado para seleção dos professores das Escolas das Águas. Assim que selecionados, eles ainda participam de uma prática de formação, na qual são abordados aspectos referentes à estrutura da escola e ao funcionamento escolar. Nesse momento, não se aprofundam nas questões pedagógicas, pois estas deverão ser contempladas durante as formações que são oferecidas pela Secretaria de Educação.

Apesar de existirem professores muito dedicados nas Escolas das Águas, há uma alta rotatividade desses profissionais, seja por demissão, desistência ou por pedidos de mudança, pois muitos preferem trabalhar nas extensões escolares mais próximas a Corumbá e com melhor infraestrutura. As exceções, sobretudo na região do Taquari, são profissionais que trabalham nessas escolas há mais de 20 anos, mantendo as salas de aula em sua própria casa.

Quanto aos estudantes, as Escolas das Águas atendem 340 alunos, entre filhos de peões, aposentados, pensionistas, professores, pescadores profissionais, piloteiros, militares, ribeirinhos e outros. Devido à dificuldade de acesso, muitos dos alunos são atendidos em regime de internato, retornando para casa de seus familiares no final de cada bimestre e lá permanecendo por uma semana ou uma quinzena, no mesmo período de retorno de seus professores à Corumbá.

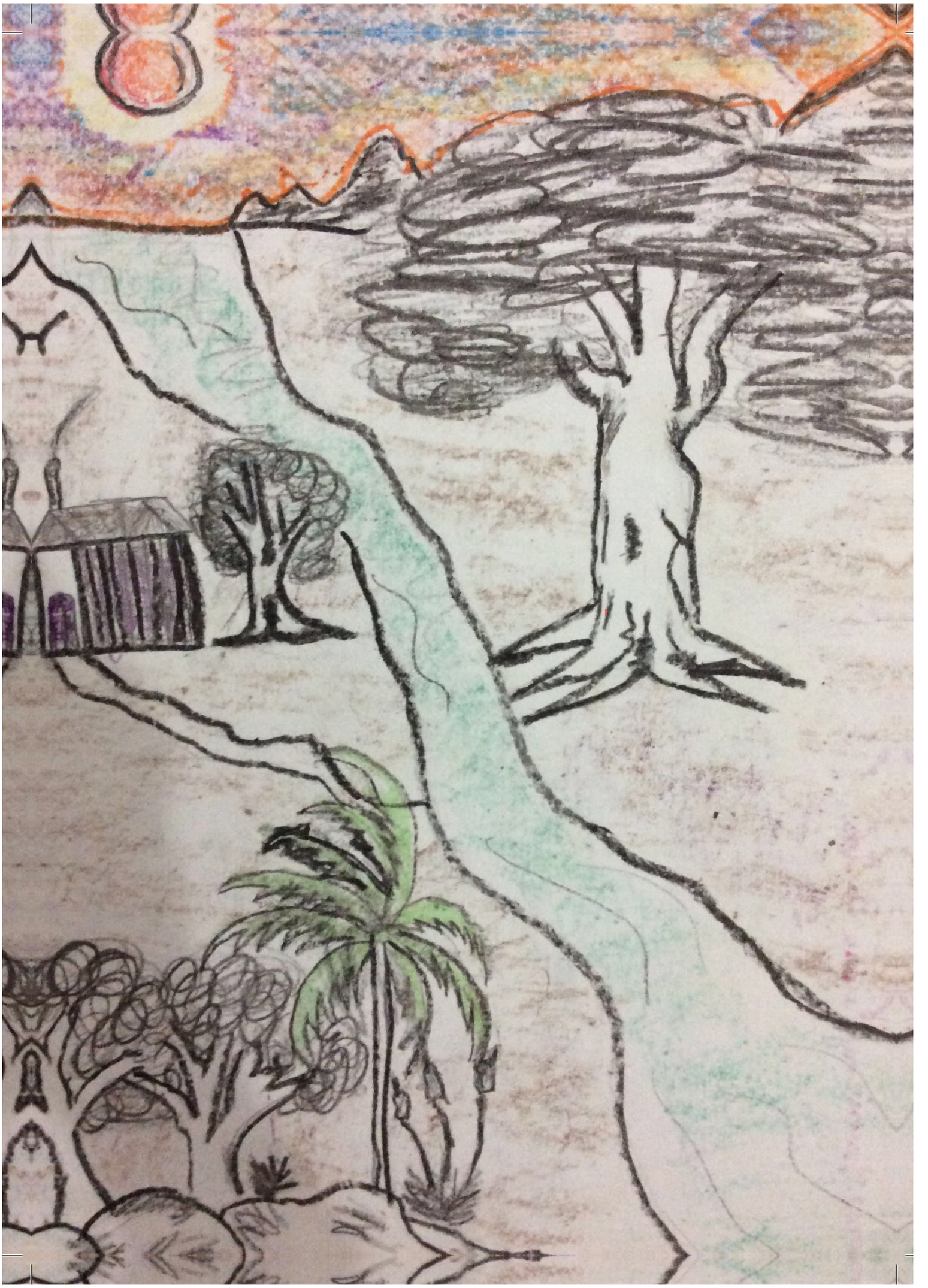
No período das cheias, as águas podem piorar esse acesso e dificultar a frequência dos alunos à escola. Algumas extensões chegam a ficar inundadas, podendo comprometer a estrutura

física. Para garantir a segurança dos alunos e professores, as aulas são paralisadas nesse período. A flexibilidade adotada nas datas, períodos e horários de aulas se estendem também ao currículo, que pode ser adaptado, considerando as peculiaridades locais, inclusive às relativas ao clima.

O fato de tais escolas estarem localizadas em regiões isoladas, repletas de belas paisagens naturais do Pantanal Sul-mato-grossense, com flora e fauna nativas altamente diversificadas, propicia muitas oportunidades de aprendizado, em estudos do meio e observações diretas. A Escola Polo Porto Esperança, por exemplo, ressalta em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a importância da valorização da realidade local do aluno, da cultura e dos saberes tradicionais.

Outra característica singular é que as Escolas das Águas costumam ser o primeiro espaço institucional de ensino conhecido pelos alunos e, às vezes, o único. Assim, a casa e a escola constituem o principal espaço de convivência para as crianças e as brincadeiras desenvolvidas estão profundamente relacionadas com as atividades desenvolvidas pelos adultos, especialmente por seus pais. Eles participam de todos os momentos da vida da comunidade, no trabalho, em casa, no lazer e nas atividades religiosas. As Escolas das Águas são, portanto, uma verdadeira extensão das tradições e rotinas pantaneiras.

Alunos que participaram da produção do jornal mural na Escola Paraguai-Mirim. Foto: Jean Fernandes



EXTENSÃO BOA ESPERANÇA

Professores:

Caetano Ribeiro de Arruda
Jefferson Esdra de Arruda

A Extensão Boa Esperança está situada no Corixão, região do Paiaguás, a 80 quilômetros do porto de Corumbá/MS. A partir do Porto Buritizal, no rio Taquari, a escola fica distante 8 quilômetros (duas horas a cavalo), onde está a comunidade do Corixão.

Em 1950, iniciou suas atividades na região do Corixão, por iniciativa de particular. Porém, foi criada oficialmente, em 1975, como Escola Municipal de Primeiro Grau Boa Esperança. De 1980 a 1983, não funcionou por falta de professor. Em 1986, passou a ser Extensão da Escola Polo São Domingos. A partir de 2005, passou a fazer parte da Escola Municipal Rural Polo (EMRP[1]) Porto Esperança. Em junho de 2014, passou a ser Extensão da EMRP Sebastião Rolon.

A escola é feita de madeira e possui duas salas de aula, cozinha, um banheiro e dois quartos de alojamento. Na área externa, tem uma varanda onde são desenvolvidas atividades artísticas e educação física e há um campo de futebol.

Em 2015 a escola atendeu 16 alunos, sendo que quatro ficam alojados. A escola funciona no formato integral. Pela extensão escolar estar localizada em uma propriedade privada, os alunos e professores podem cultivar algumas culturas para o consumo próprio

Extensão Boa Esperança. Foto: Arquivo da Escola

[1] A sigla EMRP refere-se à Escola Municipal Rural Polo.

como, por exemplo, mandioca, milho, feijão, abóbora, cana-de-açúcar. Destes, somente a mandioca é comercializada para a cidade. Aproximadamente 18 famílias vivem nessa região, tendo como fonte de renda a criação de porcos, galinhas e gado.

Descrição ambiental

A paisagem é composta por uma mistura de planície e mata fechada com Cerrado e mais distante há árvores de grande porte. Da escola, podem-se ver aves com certa frequência, como: tuiuiú, ema, tucano, arara azul e canindé. Já na mata fechada é possível encontrar uma variedade de animais silvestres, como: onça pintada e parda, bugio, anta, cervo, lobinho e tamanduás bandeira e mirim.

Durante o período da cheia do rio Paraguai são formadas baías e corixos. Há alguns anos, a região era rica em árvores frutíferas, porém, com a última seca, as laranjeiras secaram. Uma das tradições da comunidade são as festas religiosas (festa de irmandade), em adoração a Nossa Senhora e São Sebastião, também como uma forma de pagar as promessas. Durante as festas, os moradores realizam bailes e o estilo preferido é o chamamé.

Como é a criança

Os alunos são bem educados, alguns gostam de estudar, outros nem tanto, pois preferem acompanhar os pais no campo, para depois contar os "causos" que aconteceram durante o passeio.

As crianças gostam de ficar na comunidade, jogar bola, pega-pega, pique latinha[2]. Gostam também de jogar dama e dominó.

Já os adolescentes preferem ir para cidade tanto para arrumar trabalho como também participar de festas que atraem os jovens.

Sr. Damázio ensinou os alunos a trançarem a crina do cavalo. Foto: Arquivo da Escola

Saber local pesquisado

Com o objetivo de resgatar os saberes tradicionais da comunidade, os professores realizaram diferentes atividades com os alunos, envolvendo os pais e, principalmente, moradores antigos. Dessa maneira, conseguiram promover o intercâmbio de saberes entre alunos, pais e professores sobre as comidas típicas, artesanatos e o trabalho com os animais, como potros e bezerros.

Para que todos participassem do projeto, as atividades foram realizadas no pátio da escola. Na primeira roda de conversa, que contou com a

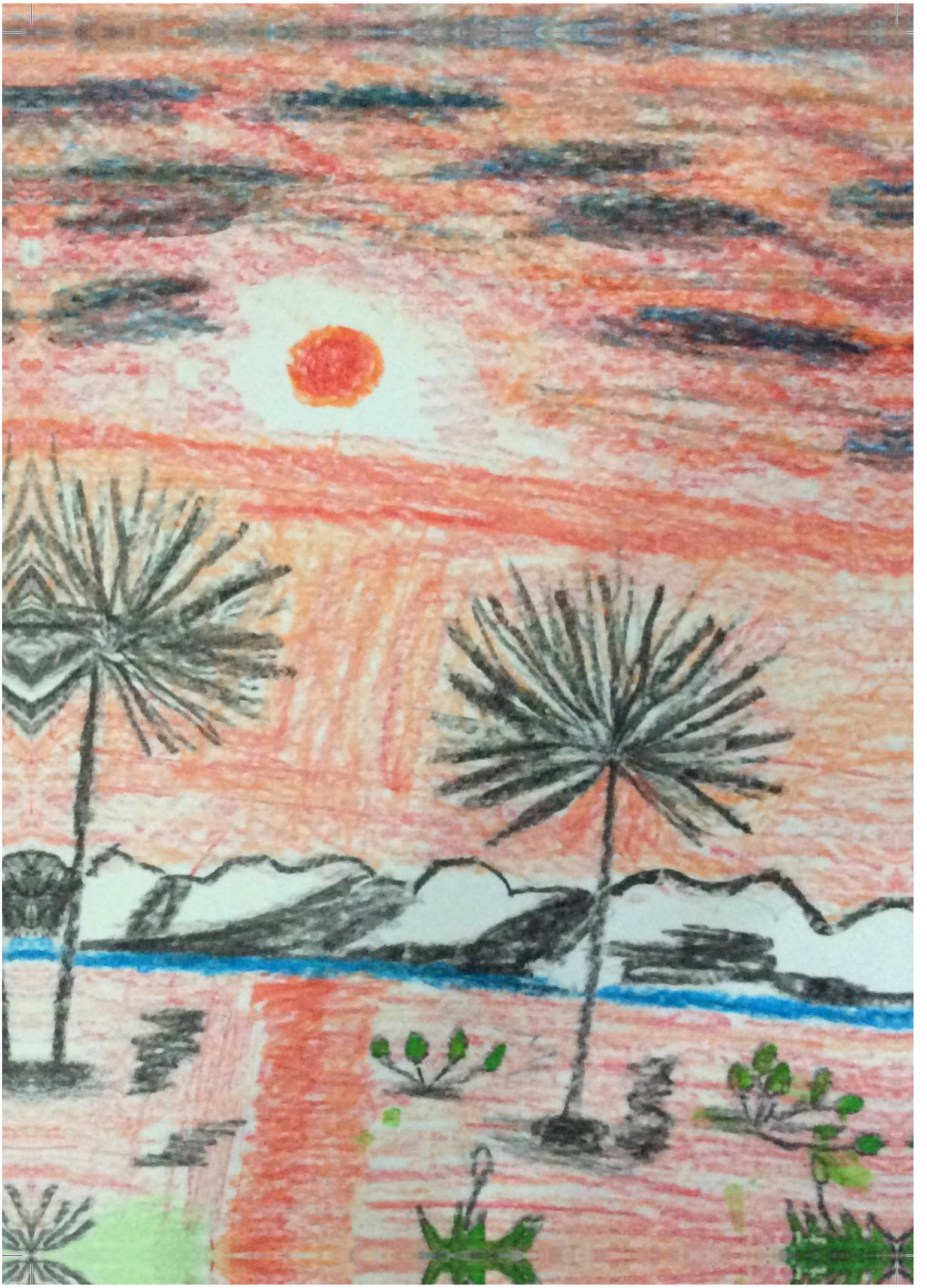
[2] O pique é a latinha e o último a bater pode salvar todos aqueles que estão na brincadeira.

Máscaras de cabaça produzidas pelos alunos. Foto: Arquivo da Escola

presença dos alunos e moradores mais antigos da comunidade, foram discutidas como poderiam ser realizadas as atividades e também listados os saberes a serem trabalhos.

A oficina foi a metodologia escolhida, pois dessa maneira os alunos observariam e colocariam em prática o que estava sendo ensinado. Esse também é um formato mais próximo de como são repassados os conhecimentos tradicionais, quando as crianças desde muito cedo aprendem observando e imitando os mais velhos.

As atividades desenvolvidas com os alunos foram produção de canoas, remos, boneca de pano, cuscuz, biju, montaria, doma, produção de traia de arreio e artesanato em cabaça. Das atividades oferecidas, a que mais prendeu atenção dos meninos foi a doma dos animais (potros e bezerros novos). Uma atividade que exige habilidade, pois o material utilizado - traia de arreio (cordas para rediar) - é todo confeccionado pelo domador. Os alunos aprenderam muito com o senhor Damázio, um ícone da comunidade, a pessoa mais experiente nessa função. Também aprenderam a cuidar dos animais fazendo as colas e cuidando da crina.



EXTENSÃO DUQUE DE CAXIAS

Professora:

Ângela Félix Graciano da Rocha

A Extensão Duque de Caxias está situada no Porto Índio, Região do Paiaguás, fronteira com a Bolívia, a 290 quilômetros do porto de Corumbá/MS. Iniciou suas atividades em 1974, como Escola Municipal de Primeiro Grau Monte Castello, sob a responsabilidade de Cáceres/MT. Após a divisão do Estado, em 1979, passou para o município de Corumbá/MS. Oficialmente, foi criada em 1980, como EMPG Duque de Caxias. Em 1986, passou a ser Extensão da Escola Polo São Domingos. Em 1998, passou a integrar a EMRP[1] Nathércia Pompeo dos Santos. Em 2001, passou a ser Extensão da EMRP Alzira Capurro. Em 2002, retornou a EMRP Nathércia Pompeo dos Santos. Em 2005, passou a ser Extensão da EMRP Porto Esperança. Em junho de 2014, passou a ser Extensão da EMRP São Lourenço.

Sede da Extensão Duque de Caxias. Foto: Arquivo da Escola

1 A sigla EMRP refere-se à Escola Municipal Rural Polo

A escola é de alvenaria, com duas salas de aula, uma cozinha, dois banheiros e a casa dos professores. Há uma biblioteca, computadores com acesso à internet, televisores e aparelho de DVD. No pátio, há um espaço coberto onde são realizadas as refeições e algumas atividades. Também há um parque infantil, com balanço, escorregador, gangorra e outros. A manutenção do espaço da escola é realizada pelo Exército.

No ano de 2015 ofereceu o Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano, em regime de sala multisseriada e turno estendido, com 15 alunos.

Descrição ambiental

O Porto Índio está localizado em uma região mais alta e durante as cheias não há problemas maiores, pois conforme a água vai se acumulando, as famílias modificam seus caminhos. A comunidade está localizada às margens do rio Dom Pedro e fazer fronteira com a Bolívia, no Porto São Gonçalo, a região é rica em peixes, sendo fonte de subsistência das famílias que estão nas proximidades, constituídas em sua maioria por povos indígenas.

Diferentes animais podem ser avistados na região, como: onça pintada, cervo, anta, tamanduá, capivara, jacaré, sucuri e diversas variedades de aves. Já a vegetação é representada pelo acuri, angico, ipê e bocaiúva.

Como é a criança

Os alunos são, de maneira geral, muito dedicados e esforçados. Participam de todas as atividades propostas em sala de aula e são assíduos. Também são muito educados. Alguns alunos moram muito longe da escola, tendo que caminhar pelo menos nove quilômetros de distância de suas casas até à escola.

Os alunos são dedicados e assíduos. Foto: Arquivo da Escola

As famílias são numerosas, muitos irmãos. As crianças brincam de nadar, jogar bola, subir em árvores. Brincam todos juntos, os mais velhos com os mais novos.

Os alunos que se formam já se alistam no quartel e permanecem na região.

Saber local pesquisado

Na comunidade da Aldeia Uberaba, a construção da canoa de um pau só é um conhecimento que é repassado de pai para filho. Mesmo com o passar do tempo, ainda persiste essa troca de conhecimento, só que agora é realizado nos momentos de lazer. É costume que as crianças ao sair da escola peguem suas canoas para ir ao rio pescar. Também adoram tomar banho no rio. Toda a família fica na água brincando, uma vez que a região tem altas temperaturas.

Devido a um imprevisto tecnológico, as imagens das atividades realizadas foram perdidas, mas a Extensão Duque de Caxias participou de todo projeto e também conseguiu promover a troca de saberes entre os pais, alunos e professores.

EXTENSÃO NAZARÉ

Professores:

Carmem Lúcia Massabi Severino
Laura Helena de Carvalho Monteiro
Rosely Pinho de Lima

A Extensão Nazaré está situada na Fazenda Farroupilha, região do Paiaguás, a 190 quilômetros do porto de Corumbá/MS e 8 quilômetros distante da margem do rio Taquari - Porto Santa Ana. Iniciou suas atividades em 2008, atendendo as comunidades do Cedro, São Domingos e Limãozinho, com salas de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em regime de semi-internato. Em junho de 2014, passou a fazer parte da EMRP[1] Polo Sebastião Rolon.

Possui duas salas de aula, uma cozinha, uma sala pedagógica, quatro banheiros e três alojamentos, todos com banheiro e refeitório. Possui uma varanda e atrás um campo de futebol. Em 2015 trabalhou em regime integral, com 46 alunos. Alguns alunos chegam a cavalo, a pé (cerca de 40 minutos de caminhada) ou de moto.

Sede da Extensão Nazaré. Foto: Arquivo da Escola

[1] **A sigla EMRP refere-se à Escola Municipal Rural Polo**

Descrição ambiental da sua comunidade

A paisagem é formada por pasto para o gado, com árvores frutíferas plantadas pelos moradores. Na região há muitas emas, tucanos e araras azuis. É uma região com grande quantidade de animais peçonhentos (cobra, escorpião, aranha, lacraia).

Durante o período de cheia, a chegada dos alunos que se deslocam a cavalo e a pé fica comprometida, pois se formam corixos nas estradas, que geralmente abrigam jacarés e cobras. Outra característica desse período é a enorme quantidade de mosquitos.

Como é a criança

Os alunos da Extensão Nazaré possuem uma cultura diferenciada em relação ao meio urbano, uma característica forte é a relação que possuem com o ambiente natural em que vivem. As crianças são muito livres para ir e vir por toda a comunidade. Passam boa parte do seu tempo brincando. Brincam de esconde – esconde, pular corda, amarelinha, taco, brincam com os animais de estimação, correm nos quintais, sobem em árvores, nadam no rio e passeiam de canoa.

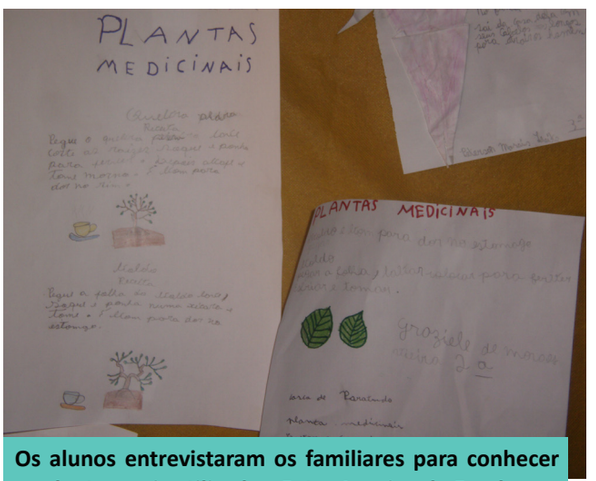
As festas são recheadas de brincadeiras como a corrida do saco. Foto: Arquivo da Escola

Saber tradicional da comunidade

Com o objetivo de conhecer os saberes tradicionais da comunidade, as professores desenvolveram várias atividades com os alunos dos diferentes anos. Trabalharam assuntos como a fauna local, as lendas, brincadeiras, alimentação e profissão dos pais.

Para levantar as informações foram realizadas entrevistas com as famílias mais antigas da comunidade. Os alunos foram divididos em grupos e cada um ficou responsável por uma etapa da pesquisa. Com as informações foram produzidos relatos orais e escritos, ilustrações e entrevistas.

Como foi realizada uma grande quantidade de atividades durante todo o ano letivo de 2015, as professoras escolheram apresentar, nesse caderno, o resultado do levantamento realizado sobre as plantas medicinais.



Os alunos entrevistaram os familiares para conhecer as plantas mais utilizadas. Foto: Arquivo da Escola

Plantas medicinais

O projeto foi desenvolvido durante um bimestre. Os alunos realizaram a pesquisa sobre as plantas medicinais com entrevistas na comunidade, envolvendo seus familiares que detêm o saber tradicional.

As pesquisas realizadas foram apresentadas em sala de aula e os alunos foram divididos em grupos. Cada grupo ficou responsável por elaborar o texto que explica a forma de uso de uma planta medicinal e também a sua ilustração.

As ervas são cultivadas em casa pelas famílias e outras são nativas da região. Com essa breve pesquisa, podemos concluir que as famílias mantêm a tradição passada de pais para os filhos.

EXTENSÃO SANTA MÔNICA

Professores:

Claudiane de Barros Villa Verde
Eufrázio Lídio da Silva Filho
Mônica Ahmad Abner Rahman Khaled
Yolanda Fernandes Rolim

A escola Fazenda Santa Mônica teve início no porto Santa Mônica, na região do Pantanal Paiaguás, no ano de 2010. O objetivo principal do dono da fazenda, Reginaldo Farias, era de proporcionar aos filhos de seus funcionários uma oportunidade de serem alfabetizados. As aulas iniciaram com apenas três alunos e no decorrer dos meses entraram mais dois que viviam na redondeza do porto. A professora Mariza Cofface foi a responsável pela alfabetização inicial desses alunos. As aulas eram diferenciadas devido às diferentes faixas etárias dos alunos. Mesmo assim, ela sempre buscou explorar o contexto do ambiente em que os alunos viviam para enriquecer suas aulas.

Em 2011, com aumento da demanda dos alunos, que começaram a vir de lugares distantes, o proprietário construiu uma estrutura completa para atender os alunos

Ótimos resultados tem proporcionado a parceria público-privada. Foto: Arquivo da Escola

e professores em sua fazenda, localizada a 448 km do Porto de Corumbá. Em agosto do mesmo ano, a escola Santa Mônica foi oficializada, por meio do Convênio efetuado entre o empresário Reginaldo Farias e a Secretaria de Educação do Município de Corumbá/MS. A partir desta data, a escola passou a ser a Escola Rural Polo Porto Esperança – Extensão Santa Mônica, dando caráter legal como uma Escola das Águas.

Alguns anos depois, a escola passou a ser uma Extensão da Escola Polo São Lourenço e no ano de 2014, foi criado o Instituto Rural Santa Mônica. Apesar da mudança, a parceria com a Prefeitura Municipal de Corumbá continua.

A escola funciona em regime de internato, ou seja, os alunos ficam 60 dias alojados na escola, voltando para casa ao final de cada bimestre. Para os pais se orientarem sobre os dias de buscar e trazer os filhos à escola, eles acompanham o calendário escolar que é entregue no início do ano letivo. Em 2015 a escola alojou cerca de 50 alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (com idades entre 4 a 17 anos) e 15 alunos adultos para a alfabetização.

O transporte e o acesso à região ainda é bastante dificultoso, além das épocas das cheias que inviabilizam o transporte.

Descrição ambiental da sua comunidade

A fazenda Santa Mônica está localizada no Pantanal de Paiaguás, próxima do rio Piquiri. Possui flora e fauna ricas e exuberantes. Tem períodos de cheia e seca bem definidos. Os alunos chegam à escola a cavalo ou trator e os professores de avião.

Como é a criança

Os alunos da Extensão Santa Mônica são, de uma maneira geral, participativos, cada qual com suas especificidades. Apresentam grande aceitação no que diz respeito às aulas de tecnologia, bem como tudo que envolva as mídias. Algumas dificuldades são encontradas no desenvolvimento de algumas disciplinas, entretanto se empenham para que possam aprender de acordo com seus limites.

Pode-se ilustrar o perfil da criança da região com o depoimento de um aluno que está na escola desde 2010, que conta sobre uma experiência vivida durante uma das aulas de campo:

Em 2015 a Escola alojou cerca de 50 alunos. Foto: Arquivo da Escola

"Um dia estava na escola lá no porto e fomos fazer um passeio. A professora estava caçando lugar para fazer um piquenique. Aí tem um lugar lá perto do mangueiro perto de lá. Aí ela falou então vamos fazer domingo. Aí fomos lá, tava meio sujinho, aí fomos limpar. O meu avô falou que por ser um mangueiro velho que era perigoso ter onça. Aí meu primo que tava lá falou que não tinha perigo. Aí

fomos, limpando lá, limpamos tudo. Aí eu brincando arranquei um galho de goiabeira e comecei a brincar. Aí tava faltando uma corda, aí eu fui lá em casa e depois voltei. Aí começamos a varrer e a professora começou tirar foto. Aí eu brincando remendei a onça e uma onça respondeu, como eu tava brincando lá falaram que era eu, aí eu fiquei quieto. Passou um tempinho eu remendei de novo, aí quando ela deu um pulo porque estava brava foi só um espalho de gente. Um pouco foi para a beira do rio, outro pouco foi para casa e eu fiquei por último. Aí nessa hora enroscou um cipó no meu pé, cipó Amarra Pomba, aí não dava pra eu correr. Fiquei gritando pra cortar o cipó porque a faca que eu tava era ruim, aí consegui cortar, atravessei a cerca, aí encontrei a turma assustada, aí fomo tomar banho de rio ainda. Depois de um tempo a professora foi pra cidade revelar as fotos, aí em uma das fotos tinha uma onça atrás dela, apareceu só o rabo da onça. Aí o amigo dela que tava com ela na hora de revelar a foto falou que ela teve sorte."

Momentos de leitura fazem parte da rotina da vida escolas dos alunos. Foto: Arquivo da Escola

Saber local pesquisado

Como as crianças estão longe de suas famílias, algumas levam até 7 horas para chegar à escola. A distância impediu o envolvimento dos pais no projeto, mas os professores conseguiram trabalhar um conhecimento que todos os moradores da região possuem que é o de se orientar no Pantanal, viajam por horas, às vezes durante noite e conseguem chegar ao seu destino perfeitamente. Enfrentam imprevistos, mas nunca erram o caminho. Esse é um saber local.

Para trabalhar a informação, durante as aulas, os professores entrevistaram alguns alunos, que ficam alojados na escola, para conhecer alguns detalhes dessa viagem:

Entrevistada 1 – 13 anos

Quantas horas são da sua casa até à escola?

-Sete horas

E quando vocês vêm para a escola saem que horas, mais ou menos, de casa?

-Lá por uma hora da madrugada, para chegar cedo aqui né. Porque é longe né!

Vocês têm que parar em algum lugar?

-Tem que parar né, por causa das outras crianças. Tem que pegar eles pra vir com nós, porque na casa deles não tem condições.

E quantos alunos da escola vocês trazem?

-Só dois, um guri do 4ºano e uma guria do 2º ano.

E quando vocês voltam da escola, tem que parar em algum lugar?

-Dá pra ir direto. Aí nós chega lá por meia noite.

E você estuda aqui desde a primeira série?

-Sim.

Entrevistada 2 – 14 anos

Quantas horas são da sua casa até à escola?

- Sete.

No caminho você tem que parar para pegar mais algum aluno da escola?

-Não.

E quem vem com você?

-Meus pais, o tratorista e meus irmãos.

Quantos irmãos?

-Dois, que tão na terceira série.

Já aconteceu algum problema no percurso de ter que pedir socorro porque quebrou o trator?

-Já. Em tempo assim de cheia, que nós vem pra cá assim, passa pela vazante, da Piratininga, fazenda quase vizinha lá de casa, tem que erguer as coisas se não molha né. Tem vez que quebra né, aí nós tem que ficar até de noite assim, mas não tem como pedir recurso pra nada.

E como vocês fazem? Vocês é que tem que consertar?

-Nós mesmo, porque eles levam né, ferramentas, coisas que arruma.

E já aconteceu de aparecer algum animal como onça nessas horas na estrada?

-Não, por enquanto não (risos).

E quando está em época de cheia como você faz para vir à escola? Tem como vir?

-Não. Tem que esperar a água baixar pra poder vir, se não o carro não passa.

E já teve época que deu o dia de vir para escola e você teve que ficar?

-Já.

E teve que ficar quanto tempo, mais ou menos, esperando?

-Dois meses, por aí.

Perdeu um bimestre!

-Pois é!

Polo Paraguai Mirim

Professores:

Juliana Rodrigues Ferreira Lopes da Silva
Kédma Danielly Moura de Almeida
Maria de Castro Rojas
Rosely Rojas de Castro
Sabrina Ferraz Viana da Silva

A Comunidade Tradicional do Paraguai Mirim está situada a 157 quilômetros do porto de Corumbá/MS. A Comunidade existente se encontra na região há, aproximadamente, 40 anos. Em sua maioria, pescadores, coletores de iscas vivas e campeiros perpetuam às gerações e consideram muito importante a presença de uma escola na região, já que infelizmente não tiveram acesso à educação e não foram oportunizadas outras áreas de conhecimento e aprendizagem para que pudessem exercer outras profissões.

A maioria dos subsídios para o sustento familiar, como alimentos, materiais para o campo e outros recursos, são adquiridos na zona urbana. O transporte é realizado em embarcações chamadas comumente de freteiras, em que se transportam: pessoas, grande variedade de produtos domiciliares e até mesmo animais. Durante o período de enchente, o gado é transportado para regiões secas nessas embarcações.

A escola foi criada em 2003, sob a responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, passando para a administração municipal em 2004, como Extensão da EMRP Nathércia Pompeo dos Santos. A partir de 2005, passou a ser Extensão da EMRP Porto Esperança. Em junho de 2014, passou à Extensão da EMRP Paraguai Mirim.

A escola foi criada em 2003 para atender as crianças ribeinhas da região. Foto: Arquivo da Escola

A escola fica localizada na Região do Paraguai Mirim a 131 quilômetros do porto de Corumbá/MS, tendo acesso por meio de barco. Em 2015, atendeu 58 alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, de 1º ao 9º ano, na faixa etária entre 04 a 16 anos, em regime de escola integral, com salas de aulas multisseriadas. Os alunos são atendidos, também, pelo Programa Barco Escola.

Quanto à estrutura física, o prédio da escola possui uma estrutura simples com salas de aula, cozinha, banheiros e alojamento para professores, além de um anexo que é utilizado como brinquedoteca. Funciona em regime integral, o aluno tem aulas da base comum e base diversificada, englobando conteúdos que colaboram com sua formação cidadã e cultural. Também são realizadas atividades lúdicas, dinâmicas e teatrais para que a aprendizagem do conteúdo aconteça de maneira mais prazerosa.

Descrição ambiental da escola

A Escola Municipal Rural Polo Paraguai Mirim está situada às margens do rio Paraguai, localizada na região da Fazenda Ilha Verde. Nesse local, temos uma paisagem rica em árvores de grande porte, muitas são frutíferas e utilizadas como alimento para os alunos em determinadas épocas do ano.

Alunos entrevistam morador sobre saber local. Foto: Arquivo da Escola

A fauna e flora são abundantes na região e o animal mais temido é a onça pintada, pois além de sacrificar outros animais, oferece risco ao ser humano.

A escola passa por períodos de cheia e seca. De fevereiro a maio, a maior parte da área fica alagada. Quando ocorre a enchente, o calendário escolar é alterado, até que aconteça a vazante. Do pátio da escola é possível avistar diferentes animais da fauna pantaneira. Bem-te-vi,

tuiuiú, tucano, periquito, gavião, carcará, arancuã e araras são vistas frequentemente na região.

Como é a criança

Os alunos da educação infantil têm entre três a cinco anos de idade. São crianças alegres, falantes, com uma imaginação muito criativa. Gostam muito de se expressar corporalmente por meio de músicas e apreciam leituras de histórias. Apesar de não saberem ler, gostam muito de manusear os livros, fazendo leitura de imagens. Também são crianças carinhosas, espontâneas e participativas nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Os alunos gostam de participar dos jogos e esportes oferecidos na escola. Foto: Arquivo da Escola

Já os maiores, apreciam diversas atividades referentes à leitura, esportes, dança, música, teatro e se expressam dentro de sua individualidade e do coletivo. Alguns tímidos, outros falantes e extrovertidos, demonstram muita vontade de aprender e o desejo de aprimorar seus conhecimentos em diferentes áreas.

São alunos participativos, entusiasmados e colaborativos na realização das atividades propostas, apreciadores das atividades dinâmicas e aquelas relacionadas a jogos e esportes, de grande importância para a saúde e a qualidade de vida.

As brincadeiras preferidas são: futebol, boneca, bolinha de gude e os banhos de rio, porém com muita orientação dos perigos existentes na natureza.

Por outro lado, há também os que apreciam as redes sociais, porém os educadores sempre salientam os perigos existentes na rede mundial de computadores e os orientam a filtrar as informações e suas diferentes formas de utilização. Determinados alunos gostam muito de ler e possuem grande facilidade na produção de gêneros textuais. Poemas, poesias e belos cordéis são, por eles, produzidos. Possuem muita criatividade na elaboração de desenhos que expressam paisagens, momentos vividos e sonhos que desejam alcançar.

Saber local pesquisado

Com o objetivo de reconhecer os saberes locais da comunidade, desenvolveu-se um projeto para constatar informações sobre esses conhecimentos. Assim, pode-se aprofundar sobre a construção de canoas, uso de plantas tradicionais, benzeção e artesanato.

Projeto promoveu a integração entre o aluno, professor e familiares. Foto: Arquivo da Escola

A construção de canoas

O processo se inicia com a retirada da madeira cambará, propícia para a fabricação devido a sua resistência e durabilidade. Retira-se a madeira mais grossa que é alinhada com o tinteiro (carvão de pilha de lanterna e água), divide-se ao meio, corta-se com machado e inicia-se o processo de moldagem, montagem e acabamento. Para finalizar o trabalho, usa-se óleo queimado e tinta. Todo o processo é realizado em sete dias.

Emanoel José Lourenço Camargo nasceu em Cuiabá/MT, atualmente mora na Região do Paraguai Mirim, é casado e tem seis filhos. Ele aprendeu a fazer remo e canoa com seu pai quando era criança. Para os ribeirinhos, tanto a canoa quanto o remo são de grande importância em sua jornada de trabalho, visto que a maioria da população são pescadores ou isqueiros e dependem desse meio de

transporte. Sendo a canoa de um pau só, mais leve e pequena, ela é adequada para entrar em lugares fechados por camalotes e baceiros com o auxílio do remo. Apesar de algumas famílias terem o barco com motor (“voadeiras” e “rabetas”), a canoa ainda é muito utilizada para pescar ou pegar iscas.

Para fazer o remo, ele retira a madeira de árvores típicas da região como o louro e o cambará. Assim como seu pai o ensinou a fazer o remo e a canoa, o senhor Emanoel também ensina aos seus filhos o seu conhecimento tradicional.

Uso de plantas tradicionais

Juliana Costa Rosa nasceu na Região do São Lourenço e foi para a Região do Paraguai Mirim para trabalhar na fazenda São Miguel. Nesta fazenda, conheceu seu esposo Luís Martins. Juliana mora na região há dezoito anos e tem sete filhos.

Dona Juliana aprendeu a usar as plantas medicinais com seu pai, quando tinha 12 anos. Seu pai lhe ensinou que algumas plantas são preparadas com a infusão, ou seja, quando ferver a água, despeja-a sobre as folhas e em seguida tampa-se por alguns minutos, para depois ser ingerida.

Cada planta tem o seu modo de preparo. Algumas podem ser utilizadas na preparação de xaropes ou chás, já as raízes e sementes são fervidas junto com a água. Há também plantas que são usadas para curar ferimentos, lavando a parte afetada.

Ela também aprendeu a benzer com o seu pai falecido. Em sonhos, ela pediu auxílio para curar sua filha, ele a ensinou a benzer e a sua filha foi curada. Ela usa a benzeção para curar doenças da comunidade ribeirinha e segundo ela, já curou pessoas à beira da morte, que nenhum médico descobria a causa da doença. Ela cura quebrante, dores, peito aberto e espinhela caída.

Ela benze quebrante com água e um galho de laranjeira, quando a pessoa apresenta sintomas como mal estar, dor de cabeça, dor no corpo, falta de apetite, que médico não descobre a causa. Para confirmar se a pessoa está com peito aberto, ela tira a medida do cotovelo até a mão da pessoa com um fio e compara com a medida do peito. Se o fio não fechar, ela faz o ritual da “benzeção”, reza em voz baixa e pede para que pessoa fique curada.

Benzeção

Francilene Alpides Silva, filha de pequenos agricultores, morou na fazenda São Gabriel durante sua infância e adolescência. Nessa fazenda, ela conheceu seu marido e hoje moram na Região do Paraguai Mirim (região do Alto Pantanal) e tem quatro filhos.

Ela aprendeu a benzer há um ano, em uma viagem que fez para a região do São Lourenço, com um senhor conhecido como “Senhor Nego” (tio de Dona Juliana, moradora do Paraguai Mirim). Este senhor escreveu em um papel as orações para que ela pudesse fazer durante três sextas-feiras. Depois de memorizar e aprender as orações, ele a orientou a jogar o papel no rio. Segundo este senhor, se ela perdesse o papel e outra pessoa encontrasse e lesse as rezas, ela perderia as forças na “benzeção” e a pessoa que leu o papel ficaria com o dom.

Francilene também benze quebrante com água e um galho de laranjeira, além de peito aberto, da mesma maneira que Dona Juliana, tirando a medida do cotovelo até a mão com o auxílio de um fio e comparando com a medida do peito. Quando a medida do peito fica maior do que a medida do cotovelo até a mão, faz-se o ritual da “benzeção”.

Artesanato

Taxidermia de Piranhas

Odir da Silva aprendeu a taxidermia a mais de 20 anos com um amigo, Herson Coelho. Ele e sua esposa Jane recebem encomendas do Rio de Janeiro. Que fornece o formol para que possa ser utilizado na taxidermia, pois a venda do formol é controlada.

O primeiro processo de empalhamento consiste na captura das piranhas, que não pode ter nenhum machucado, tendo que permanecer intacta de qualquer tipo de lesão em seu corpo. Também não podem ser escamadas. Depois são retirados os órgãos das piranhas pela guelra. A boca deve permanecer aberta, então os lábios são cortados com o objetivo de aparecer os dentes. Em seguida, aplica-se o formol em várias partes do corpo das piranhas com uma seringa e são penduradas em varais para que possam secar durante 10 dias. Após secar, aplica-se o verniz.

Taxidermia de piranha é um dos artesanatos produzidos na região do Paraguai-Mirim. Foto: Arquivo da Escola

Às vezes, os olhos das piranhas podem ser substituídos por olhos artificiais comprados em lojas de artesanato. Odir tem dois filhos, Eliseu e Sandy (aluna do 9 ° ano), que também aprenderam com o pai a fazer a taxidermia dos peixes.

Bordadeiras do Pantanal

Jane da Silva aprendeu a menos de um ano a bordar com o Projeto da Acaia Pantanal. Todo o material, como panos e linhas, são fornecidos pelo projeto. Os desenhos dos bordados consistem na fauna e flora pantaneira. Após o término, os bordados são enviados a São Paulo para confecção de bolsas, almofadas, panos de pratos, toalhas de mesa e outros.

O bordado é resultado de um projeto social da Ong Acaia. Foto: Arquivo da Escola

Polo sao lourenço

Professores:

Sônia Maria Sotelo Schuman
Robson Gomes Pedroso
Jéssica da Silva Moura

A Escola São Lourenço fica localizada na Região da Barra do São Lourenço/ Amolar, distante 224 quilômetros do porto de Corumbá/MS. Foi criada para atender a uma reivindicação da comunidade local, que entendia a necessidade de suas crianças estudarem sem que para isso tivessem que deixar o convívio de seus familiares.

Antes da criação da Extensão, as crianças em idade escolar tinham duas opções: estudar em Corumbá/MS, cidade mais próxima da comunidade ou na Extensão Paraguai-Mirim, que na época já ultrapassava o limite máximo de alunos. Assim, foi criada a Escola Municipal Rural Polo – Extensão São Lourenço, no ano de 2005. A princípio uma escola muito simples, com uma estrutura básica, apenas uma sala de aula, cozinha, banheiro e dormitório. A partir de 2005, passou a Extensão da EMRP Porto Esperança. Em junho de 2014, passou a EMRP São Lourenço, com as extensões Santa Mônica e Duque de Caxias.

Escola Polo São Lourenço em período de seca. Foto: Patrícia Zerlotti

Em 2015 a escola ofereceu o Ensino Fundamental do 1º ao 8º ano, em salas de aulas multisseriadas, totalizando 40 alunos matriculados, em regime de Escola Integral e internato. Em uma sala ficam os alunos do 1° ao 5° ano, com idade entre seis e 18 anos; em outra ficam os alunos do 6° ao 8° ano, com idade entre 13 e 22 anos. São 12 alunos alojados, sendo cinco meninas e sete meninos. Há uma rotina para os alunos internos, eles colaboram para manter o alojamento limpo e organizado.

Em oito anos, a escola ampliou suas instalações trazendo mais conforto e segurança para os professores e alunos, melhorando a infraestrutura pedagógica, inclusive com a aquisição de livros e recursos tecnológicos. A estrutura física da escola consiste em duas salas de aula, uma brinquedoteca, uma sala de informática com quatro computadores, televisão, aparelho de DVD, acesso à internet via satélite, além de dois dormitórios, uma cozinha, três banheiros e um pequeno espaço de convivência para os internos.

Descrição ambiental da sua comunidade

É impossível falar da comunidade da Barra do São Lourenço sem mencionar a paisagem cênica que a envolve e que os moradores reconhecem e apreciam. Do local se avista a morraria da Serra do Amolar, uma formação rochosa, com aproximadamente 80 quilômetros de extensão, que marca o relevo da planície pantaneira e constrói um desenho sinuoso com o rio Paraguai.

Diferentemente das outras regiões, a intensidade das águas também limita a presença dos animais terrestres, dificultando a sua caminhada em busca de alimentos. A onça pintada se adaptou a esse território, ficando geralmente nas partes mais altas. É possível observar com maior frequência os mamíferos que vivem às margens dos rios e lagos, como lontras e capivaras. pode-se encontrar algumas espécies que estão na lista oficial brasileira de animais ameaçados de extinção, como a onça-pintada, onça-parda, tamanduá-bandeira, catita, tatu canastra, entre outros.

A região da Serra apresenta uma maior diversidade de flores em relação às partes mais baixas, em função de ser uma área não inundável.

Serra do Amolar uma das regiões mais belas do Pantanal. Foto: Arquivo Ecoa

Como é a criança

Os alunos da Extensão Escolar São Lourenço são pessoas que possuem uma cultura diferenciada em relação ao meio urbano, com características bastante relacionadas com o ambiente natural em que vivem. São crianças humildes e participativas, tendo iniciativas solidárias. Apresentam dedicação aos estudos, mesmo com as dificuldades do dia a dia e muito preocupadas em ajudar seus pais na pesca e na catação de iscas, para complementação da renda familiar. Acreditam em mitos e lendas contados pelos seus avós e pais, reproduzidos por meio de relatos. Apresentam comportamentos sem limites e não gostam de seguir regras. Mesmo com essas dificuldades, são crianças que sonham com um futuro melhor.

Tomar banho de rio é a brincadeira preferida das crianças. Foto: Arquivo da Escola

Saber local pesquisado

A pesca, as plantas medicinais, as lendas, a caça e o artesanato são alguns dos saberes locais identificados pelos professores na comunidade da Barra do São Lourenço. Para essa publicação, os professores relataram a atividade que desenvolveram sobre o artesanato da fibra de aguapé. Convidaram a artesã Catarina Guató para falar sobre a técnica utilizada aos alunos. Eles a entrevistaram e produziram textos sobre a artesã e sua técnica secular.

Ela enisna que nã pode retirar o caule da planta de qualquer maneira para não matá-la.
Foto: Reportagem TV Morena

Dona Catarina Guató

Dona Catarina Ramos da Silva, conhecida por todos como Catarina Guató, é da etnia Guató – os índios canoeiros do Pantanal. Nasceu na Aldeia Uberaba, na ilha Ínsua, depois de casada se mudou para Corumbá e anos depois retornou para as margens do rio Paraguai, morando na comunidade São Lourenço. Atualmente, divide seu tempo entre a comunidade e a cidade de Corumbá.

O artesanato feito da fibra de aguapé, uma planta aquática abundante no Pantanal, faz parte da cultura Guató. Dona Catarina relata que aprendeu a colher, tratar o caule e trançar as fibras com sua sogra, dona Josefina Alves Ribeiro, índia Guató. Hoje ela é uma artesã profissional e vive de seu trabalho. Além da venda das peças que produz, também ensina a técnica para outras comunidades. É importante repassar o conhecimento para que não se perca.

A artesã começou a trabalhar em 1974, produzindo peças na cidade de Corumbá, no antigo Prosol, hoje Casa do Artesão, local onde está sua oficina de produção. Como é uma das poucas mulheres Guatós que detêm esse saber local, dona Catarina passou a ensinar as pessoas no Moinho Cultural e depois as mulheres da comunidade da Barra do São Lourenço.

Ela explica que não pode retirar o caule da planta de qualquer maneira, tem que fazer com cuidado para não matar a planta. É preciso coletar de várias plantas, porque é importante deixar o suficiente para o aguapé continuar vivo no rio.

Dona Catarina ensinou a trançar e confeccionar as peças como tapetes, bolsas, lembranças e chaveiros. Sua irmã, dona Leonilda Aires de Souza, moradora da Barra do São Lourenço, também começou a trabalhar com o artesanato fazendo mantas para bolsas e porta panelas. Com o aumento da produção e o envolvimento das mulheres da comunidade, em 2014, foi criada a Associação de Mulheres Artesãs da Barra do São Lourenço, sendo a dona Catarina Guató presidente.

Dona Catarina Guató é artesã profissional e vive do seu trabalho. Foto: Reportagem TV Morena

Polo Porto Esperança

Professoras:

Nena Nepomuceno
Thayane Costa

Em 1958, a escola Porto Esperança iniciou suas atividades como Escola Barão do Rio Branco, no Prédio da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária (SSCH). Em 1960, passou a ser Escola Rural Mista de Porto Esperança e, em 1986, tornou-se Extensão da Escola Municipal de Primeiro Grau São Domingos – Distrito de Albuquerque. Em 1998, passou a ser Extensão da EMRP Nathércia Pompeo dos Santos. Em 2005, foi denominada como EMRP Porto Esperança, composta por uma unidade Polo e 11 Extensões, na região do Pantanal Paiaguás e Paraguai, atendendo o Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano.

Em 2015, a escola ofereceu turno estendido para 23 alunos, divididos em duas salas multisseriadas. Uma sala comportando treze alunos de 1° ao 5° ano e a outra com dez alunos do 6° ao 9° ano.

Sede da Escola Polo Porto Esperança. Foto: Arquivo da Escola

Descrição ambiental da sua comunidade

Porto Esperança é um distrito do município de Corumbá/MS, localizado na margem esquerda do rio Paraguai a cerca de 25 km da localidade de Porto Morrinho e a 70 km da sede do município. Teve grande importância em épocas passadas, antes da construção da grande ponte ferroviária, chamada Barão do Rio Branco. Naquela época, era o limite a que chegavam os trilhos da antiga Noroeste, o que fazia de Porto Esperança um ponto de transbordo de cargas e passageiros que se destinavam a Corumbá e adjacências, fazendo a integração do transporte fluvial com o transporte ferroviário.

A paisagem natural de Porto Esperança divide espaço com um enorme pátio onde estão armazenados os montes de minério, também há uma plataforma de atracadouro das chatas na barranca do rio. Outra obra que compõe a paisagem é a antiga estação da Noroeste. Trata-se de um antigo casarão que funcionava como armazém do antigo Instituto Nacional do Mate (INM). O Exército está presente na comunidade com um destacamento.

Alunos utilizam barco-escola para chegar até as escolas. Foto: Arquivo da Escola

Identificada pela grande ponte ferroviária que cruza o rio Paraguai, a região de Porto Esperança já foi considerada uma região generosa ao turista pescador. Nas imediações da ponte, precisamente nos arredores dos seus alicerces, o leito do rio foi aprofundado devido à construção da fundação da obra. Quando o nível do rio Paraguai sobe, grandes poços e fortes rebojos são formados pela correnteza da água, alocando no fundo peixes das mais variadas espécies como jaús, pintados, barbados e, principalmente, cardumes de palmitos.

Os moradores da comunidade trabalham como pescadores, piloteiros ou funcionários da mineradora Vale. As casas estão cada vez mais próximas do rio, devido aos desbarrancamentos

provocados pelas grandes ondas das embarcações. Na tentativa de evitar, os moradores colocam madeira no barranco para segurar a margem, uma medida paliativa.

Desde 2013, um cenário de conflitos se instaurou na comunidade ribeirinha, quando uma empresa agropecuária adquiriu 750 hectares na região onde atualmente vivem 62 famílias.

Depois de um trabalho intensivo de análise das áreas griladas que envolveram Ecoa, Ministério Público Federal (MPF), Polícia Federal (PF) e Superintendência do Patrimônio da União em Mato Grosso do Sul (SPU-MS), 19 ribeirinhos receberam seus Termos de Autorização de Uso Sustentável (TAUS). Esse documento garante o direito histórico das comunidades ribeirinhas de permanecerem em seu território.

Como é a criança

São crianças livres e alegres, que gostam de brincar, principalmente, jogar bola. Como em todas as escolas, os alunos da escola Porto Esperança têm paixão pelas aulas de educação física. Em uma sala, pode-se encontrar alunos com hiperatividade, que são de difícil controle e que trazem dificuldades na aprendizagem, mas que se empenham em aprender. Em outra sala, há problemas de disciplina, sendo necessárias intervenções de pais e responsáveis. De um modo geral, os alunos tentam aproveitar a oportunidade de ensino.

São crianças livres e alegres que gostam muito de ogar bola. Foto: Arquivo da Escola

Ponte ferroviária Presidente Dutra, uma marco da engenharia e para o Distrito de Porto Esperança.
Foto: Arquivo da Escola

Saber local pesquisado

As professoras desenvolveram diferentes atividades com os alunos e optaram por apresentar o resultado da pesquisa realizada sobre a ponte ferroviária Presidente Dutra, um orgulho da engenharia ferroviária brasileira.

O resgate da história começou com o levantamento da data de início e final da obra, bem como quantos trabalhadores participaram dessa construção. Apesar de todos os alunos já conhecerem a ponte, foi realizada uma visita para que pudessem ter outro olhar e observar detalhes que, até então, tinham passado despercebidos. Após a aula de campo, foi realizada uma roda de conversa e um momento para os alunos desenharem a ponte.

História da ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra

O Rio Paraguai foi o obstáculo natural que mais impediu a Noroeste de atingir Corumbá. Durante muitos anos, esperou-se que fosse vencido aquele impedimento, a fim de que os trilhos da Noroeste ali chegassem e tornasse realidade o velho sonho de ligação do Porto de Santos ao Pacífico, por via férrea, passando pela Bolívia e Chile.

Finalmente, resolveu-se a construção da grandiosa obra, cujo projeto foi feito pelo engenheiro GLEBE SAHAROV e os trabalhos iniciados em 1º de outubro de 1938, pela firma Leão Ribeiro S. A., na administração de Marinho Lutz. A construção aconteceu em 24 de junho de 1947 e a inauguração do

importante empreendimento em 21 de setembro do mesmo ano, com a presença do então presidente Eurico Gaspar Dutra, quando Lima Figueiredo era o diretor da ex-NOB.

No dia 23 de janeiro de 1952, ficou concluída a ligação ferroviária entre Porto Esperança e Corumbá, com os assentamentos dos últimos metros de via permanente, possibilitando, em princípio, a circulação entre as duas estações.

Em 31 de janeiro 1952, transitou o trem especial de Bauru a Corumbá, conduzindo a comitiva oficial para assistir ao ato de ligação de Porto Esperança com a cidade de Corumbá.

A ponte, que recebeu o nome de Presidente Eurico Gaspar Dutra, tem 2.009,25 metros de extensão e trabalharam na obra 2.157 operários. O mês de maior efetivo foi o de outubro de 1941. A grande maioria tinha medo de trabalhar pelo perigo e pela condição insalubre, pois os operários moravam próximos da construção, em casas de palafitas e usavam os barcos para se locomoverem. Em média, morriam dois trabalhadores por semana.

POLO SANTA AURÉLIA E EXTENSÃO SÃO JOÃO

Professores:

Armelinda do Nascimento Souza
Jair Munin da Silva
Julio Anderson Baldueno
Ana Regina Martins Paes
Elias Dorados de Assis

A escola Santa Aurélia iniciou suas atividades em 1962, como escola partícula, na Fazenda Santa Aurélia. Oficialmente, foi criada em 1975, com a denominação Escola Municipal de Primeiro Grau Santa Aurélia. Durantes os anos de 1977, 1979, 1981 a 1985, não funcionou por falta de professor. Em 1986, passou a ser Extensão da Escola Polo São Domingos. Foi reativada no Retiro Santo Antônio, funcionando atualmente no Sítio Santa Maria. Em junho de 2014, foi elevada a categoria de Escola Polo, com a Extensão São João. Em dezembro de 2015, aconteceu na escola a primeira formatura do ensino fundamental (9º ano).

A Escola Municipal Rural Polo Santa Aurélia está localizada no Sítio Santa Maria, na Colônia São Domingos, no Pantanal do Paiaguás e está a 90 quilômetros da cidade de

Sede da Escola Extensão São João. Foto: Arquivo da Escola

Corumbá/MS, podendo ser feito o deslocamento por água, pelo rio Paraguai e seus afluentes. O percurso pode ser feito pelo rio Taquari, porém o trajeto é maior devido às muitas curvas, chegando a superar mais de 200 quilômetros de distância. O deslocamento também é realizado por avião fretado. O voo dura cerca de 30 minutos.

Quando o deslocamento é feito pelo rio, é necessária uma cavalgada de duas horas do Porto Virabrequim, às margens do Rio Taquari, até o sítio, pois fica cerca de 10 quilômetros de distância mata adentro. Muitas vezes, o trator do sítio aguarda as pessoas no porto, diminuindo para uma hora o percurso. Esse mesmo percurso feito a pé dura mais ou menos três horas.

A escola dispõe de apenas uma sala de aula, embora tenham duas turmas multisseriadas, sendo que a turma com mais alunos, que é a de 6º ao 9º ano, permanece na sala e a outra turma, de 1º ao 5º ano, é adaptada num salão coberto do sítio. A escola é de alvenaria até 1 metro de altura, depois é fechada com telas fixadas numa estrutura de madeira e coberta com telhas de amianto (do tipo Eternit), bem ampla, com duas portas de madeira. Os alunos de 1º ao 5º ano da escola Santa Aurélia têm de 7 a 14 anos, totalizando 15 alunos (08 meninas e 07 meninos) e, de 6º ao 9º ano, de 12 a 20 anos com 36 alunos (20 meninas e 16 meninos).

Já a Extensão São João está situada na fazenda Irene, na Colônia São Domingos, na região do Paiaguás, distante 85 quilômetros do porto de Corumbá/MS. Iniciou suas atividades em 1950, na fazenda São João. Passou alguns anos desativada sem professor e em 1987 foi reativada. Em 1988, foi criada oficialmente como Extensão da Escola Polo São Domingos. Em 1998, passou a ser Extensão da EMRP Nathércia Pompeo dos Santos e a partir de 2005, à Extensão da EMRP Porto Esperança. Em junho de 2014, passou a ser Extensão da EMRP Santa Aurélia.

Em 2015 atendeu de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, em regime de sala multisseriada, turno estendido, contando com 15 alunos (05 meninas e 10 meninos), na faixa etária de 7 a 12 anos.

Também é atendida pelo Programa Mais Educação. Tem seu acesso por meio de barco, cavalo, carro de boi e, com a seca do Rio Taquari, por veículos motorizados.

Escola Municipal Rural Polo Santa Aurélia. Foto: Arquivo da Escola

Descrição ambiental da sua comunidade

A vegetação da região próxima às margens do rio, denominada mata ciliar, é composta por gramíneas e pequenas árvores. Mata adentro muda a vegetação para arbustos e capim colonião, com o solo pobre de minerais, muito arenoso, caracterizando o lugar com um aspecto muito semelhante ao do Cerrado. Animais de pequeno e grande porte são comumente vistos, como cutias, tatus, aves diversas, porcos do mato, tamanduás, cavalos, bois, dentre muitos outros. Raramente é vista a temida onça.

Como é a criança

Os alunos da Escola Santa Aurélia e da Extensão São João, em sua maioria, são tímidos em alguns aspectos, como por exemplo, expor-se ao público, apresentar seminários e teatro, dentre outras atividades que envolvam falar em público. As aulas de teatro têm contribuído muito para que os alunos consigam superar essa timidez. Por outro lado, existem alunos que não encontram dificuldades em se expressar publicamente.

No desenvolvimento das disciplinas pedagógicas, o aprendizado dos alunos é variado, uns têm mais facilidade de assimilar as matérias do que outros. E as disciplinas mais apreciadas por eles são: Esporte na Escola e Educação Física.

A grande maioria mora distante da escola. O deslocamento é feito a cavalo, por uns, e a pé, por outros, sendo uma das dificuldades a serem superadas no dia a dia desses alunos, pois o terreno é muito arenoso, o que dificulta ainda mais andar na região.

Muitos dos alunos são de baixa renda, são educados e prestativos com todos os professores. A recreação dos alunos é diversificada em jogos e brincadeiras. As aulas de matemática e de língua estrangeira (inglês) são as disciplinas que os alunos mais sentem dificuldades no aprendizado.

Saber local pesquisado

O projeto foi desenvolvido na comunidade São Domingos, escola Santa Aurélia e extensão São João. Por meio de entrevistas, foram coletadas informações com pessoas da comunidade que já trabalharam ou que ainda trabalham com o carro de boi. Também foi fotografado o carro de boi, além da filmagem de integrantes da comunidade, descrevendo oralmente e demonstrando as partes do carro de boi, com seus devidos nomes.

Carro de Boi

Introduzido pelos colonizadores portugueses, o carro de boi se difundiu por todo o país, sendo um dos principais meios de transporte utilizado para transportar a produção das fazendas para as cidades. Porém, ainda é utilizado em algumas regiões do país, como aqui no Pantanal do Paiaguás.

Em alguns municípios, como em algumas regiões do interior brasileiro, ainda há fazendeiros que realizam mutirões de carros de bois para transportar suas produções agrícolas e também outros produtos. O som estridente característico do carro de boi (som autêntico que se propaga quando a roda gira sobre o eixo) chamado de canto, lamento ou gemido também faz parte da nossa cultura.

Dotado de uma estrutura que não possui o diferencial, suas rodas travam durante as curvas. Quando em movimento, o cantador (homem que comanda os bois durante o deslocamento) anuncia a sua passagem.

Partes do carro de boi:

Algumas das partes do carro de boi:

1. recavém, ou requevém: é a parte traseira da mesa;

2. canzil: peças em forma de estacas trabalhadas que atravessam a canga de cima para baixo em quatro pontos, de modo que o pescoço de cada boi fique entre duas dessas estacas;

3. canga: peça em que se prende o cabeçalho ou o cambão, e que é colocada sobre o pescoço de dois bois, responsável pela transferência de energia mecânica ao cabeçalho;

4. arreia: suportes que atravessam transversalmente o cabeçalho, sobre os quais se apoiam as tábuas da mesa;

5. roda: feita de madeira nobre (Jacarandá), constituí de três pranchas unidas por travas de madeira (cambota), colocadas internamente nas pranchas por furos retangulares, estas fixadas por grampos e chapas de ferro. A circunferência é coberta com chapa de aço fixada à madeira com grampos de aço cuja forma arredondada deixa um rastro característico;

6. cantadeira: parte do eixo que fica em contato com a parte inferior do chumaço. O contato entre eles produz o som característico do carro;

7. mesa: a superfície onde se coloca a carga;

8. cheda: prancha lateral do leito do carro de bois, na qual se metem os fueiros e

9. cabeçalho: a longa trave que liga o corpo do carro à canga, que se atrela aos bois.

Outras partes:

- cocão: cada uma das partes fixadas por baixo das chedas, que servem para fixar, duas de cada lado do carro, cada um dos chumaços;

- fueiro: cada uma das estacas de madeira que servem para prender a carga ao carro;

- tambueiro: tira de couro cru, curtido e torcido, que serve para prender o cabeçalho ou o cambão à canga;

- brocha: tira de couro cru, curtido e torcido, que serve para prender um canzil ao outro passando por baixo do pescoço do boi e

- palmatora: parte lateral do cabeçalho na parte anterior da mesa do carro de boi.

POLO SEBASTIÃO ROLON

Professor:

Joílson Vernochi de Moraes

A Escola Polo Sebastião Rolon iniciou suas atividades em 1948, às margens do Rio Taquari, na Colônia Bracinho. Em 1975, foi denominada oficialmente como Escola Municipal de Primeiro Grau Sebastião Rolon. Devido às grandes cheias de 1974, 1976, 1977, 1982 e 1983, a escola não funcionou e mudou-se para o Carandazinho, e em 1986 passou a ser a Extensão da Escola Polo São Domingos. A partir de 1998, passou para uma propriedade cedida pelo INCRA e passou a ser uma Extensão da EMRP Nathércia Pompeo dos Santos, distante 210 km do porto de Corumbá/MS.

Em 2001, houve mais alteração e passou a integrar a EMRP Alzira Capurro. No ano de 2002, retornou como Extensão da EMRP Nathércia Pompeo dos Santos. E, finalmente, a partir de 2005, ficou como Extensão da EMRP Porto Esperança.

Em 2014, a escola passou a funcionar em um prédio alugado no Porto Sairu e em junho do mesmo ano, foi elevada à categoria de Escola Municipal Rural Polo com as Extensões Boa Esperança e Nazaré. Em 2015, a escola funcionou em regime integral e contou com uma equipe de três professores para atender 34 alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

Sede da Escola Polo Sebastião Rolon. Foto: Arquivo da Escola

Descrição ambiental da sua comunidade

A comunidade está localizada no Porto Sairu, às margens do rio Taquari, no Pantanal do Paiaguás e, ao atravessar o rio, tem-se o Pantanal da Nhecolândia. São pantanais conhecidos pela exuberante fauna e flora.

Os períodos de cheia e seca são bem definidos e se caracterizam pelas grandes inundações e pela longa seca que já chegou a castigar a região.

As fazendas históricas, com sua arquitetura exuberante, completam a paisagem da comunidade. Trata-se de casas construídas no final do século XIX, que devem ser conservadas para que, com o tempo, a história não seja perdida.

Como é a criança

São crianças e adolescentes com muita energia para brincar e estudar. Não ficam parados, alguns são mais rebeldes, mas nada que fuja do controle. Gostam de brincar de bolita (bolinha de gude), boneca, pipa e futebol. Alguns sonham em ser jogador de futebol.

Eles também possuem responsabilidades em casa auxiliando os pais. Os meninos colaboram buscando o gado no campo com o pai e as meninas colaboram com os serviços domésticos.

Um dia importante na colônia é quando a lancha atraca no porto, pois é o momento em que todos param com seus afazeres para receberem notícias, cartas e encomendas que vem da cidade e também para comprar produtos alimentícios. A lancha supre as necessidades das famílias que não possuem condições de ir à cidade para fazer compras, cumprindo a função de uma loja ambulante.

Os alunos gostam de estudar e auxiliam os pais em casa. Foto: Arquivo da Escola

Professor Joílson procura desenvolver atividades pedagógicas que envolvam a realidade do aluno. Foto: Arquivo da Escola

Saber local pesquisado

No ano de 2015, quando o projeto *Escolas das Águas: Educomunicação e diálogo intercultural uma maneira de aprender e ensinar* estava em execução, os professores da Escola Polo Sebastião Rolon não puderam participar dos primeiros encontros, devido à reposição das aulas que haviam sido paralisadas, por meses, para a reforma na escola. Dessa maneira, em 2015 os professores estavam repondo as aulas de 2014. Com muito trabalho e dedicação de alunos, professores e coordenação, a escola conseguiu colocar em dia o ano letivo e, em 2016, os professores tiveram a oportunidade de participar da segunda fase de execução do projeto e contribuir com as informações para essa publicação.

Sobre o saber local da comunidade do Bracinho, o professor chama atenção para uma senhora de 70 anos que é parteira e benzedeira. Ela é detentora de um conhecimento importante para as famílias da região, pois além de trazer as crianças à vida também faz remédios caseiros com raízes, folhas e cipós nativos. É uma liderança religiosa muito respeitada na comunidade e, nas festas, é a responsável por rezar o terço.

Infelizmente, quando ela se for, esse saber pode se perder, pois no momento não tem alguém que queira se apropriar desse conhecimento e desenvolver essa função. Ela aprendeu tudo com sua avó. Talvez o conhecimento não se perca por completo, pois muitas famílias fazem uso de remédios medicinais, mas a função de parteira é provável que fique vaga.

© 2017

Esta é uma publicação da

Endereço Rua 14 de julho, 3169, Centro

Campo Grande- MS

Telefone: + 55 (67) 3324 3230

E-mail: ecoa@riosvivos.org.br

www.ecoa.org.br

Projeto

"Escolas das Águas – Educomunicação e diálogo intercultural uma maneira de aprender e ensinar"

Coordenação geral

Patrícia Zerlotti

Equipe

Vanessa Spacki

Thaiany Regina da Silva

Luis Augusto Akasaki

Consultoras

Elidiana Marques Scariot

Bianca Machado

Parceiros

Secretaria Municipal de Educação de Corumbá/MS;

Escolas das Águas

Estação Natureza Pantanal – Grupo O Boticário

Apoio

Brazil Foundation

Escolas das Águas

Execução

ecoa

Apoio

BrazilFoundation

Parceiro

Prefeitura Municipal de Corumbá
Secretaria Municipal de Educação